



Esta é uma performance que só poderá avançar caso haja espectadores/as a aceitarem representar em palco, mediante um conjunto de instruções, os oradores ausentes desta conferência

FOTOGRAFIAS DE SEBASTIÃO HOPE

Os Rimini Protokoll

põem-nos a dar corpo às vozes de outros

Em mais um espectáculo de concepção muito particular, a companhia alemã traz ao Teatro do Bairro Alto, de 24 a 26 de Fevereiro, *Conferência de Ausentes*. Um espaço para pensar a ausência e para assumir, por momentos, o lugar de outro.

Gonçalo Frota

Há uns bons anos que Helgard Haug, uma das fundadoras da companhia alemã Rimini Protokoll, tem regressado a uma ideia que arquivou mentalmente no período inicial da actividade do colectivo. Fundada em 2000 por Haug, Stefan Kaegi e Daniel Wetzel, a companhia que, pouco depois, se sediou em Berlim, não tardou a atrair a atenção pela sua abordagem pouco convencional à forma que o teatro pode adquirir num palco ou até pelo entendimento do local em que uma performance teatral pode acontecer. Em ocasiões distintas, os Rimini Protokoll trabalharam a partir de dados estatísticos, criações de assembleias, histórias contadas à mesa de jantar de um apartamento, retirando o habitual peso dos actores profissionais. Foi a originalidade do seu discurso criativo, aliado a uma postura política que emerge tanto nas temáticas como na estratégia de implicação e de participação dos espectadores, a levar ao convite para se apresentarem pela primeira vez, há quase duas décadas, na Austrália.

E foi nessa ocasião que a curadora australiana responsável pela apresentação do grupo do outro lado do mundo, consciente da pesada pegada ecológica deixada pela deslocação dos criadores que convidava a apresentar-se por lá, desvendou os seus planos de montar um festival em que os artistas internacionais seriam desafiados a pensar espectáculos – a partir de instrução e de conceitos – que seriam depois montados e apresentados por intérpretes locais. De tempos a tempos, Helgard Haug revisitava esta ideia, mas a agenda intensa dos Rimini Protokoll não permitia que ganhasse muito espaço. “É muito tentador viajar e fazê-lo para apresentarmos os nossos espectáculos, assim como é importante em termos de trocas culturais”, diz Haug, “mas no momento em que desenvolvemos a *Conferência de Ausentes* quisemos mesmo quebrar com a rotina e criar uma peça feita de instruções muito precisas – e que passa por não fazermos aquilo que habitualmente acontece num teatro, quando se atribui papéis a outros actores, mas passá-los a um grupo imprevisto.”

Significa isto que *Conferência de Ausentes*, o espectáculo dos Rimini Protokoll que o Teatro do Bairro Alto apresenta em Lisboa, de 24 a 26 de Fevereiro, depende do público para



que acontece – e dependerá em vários momentos do espectáculo, podendo ser interrompido antes do final. Ou seja, esta é uma performance que só poderá avançar caso haja espectadores/as a aceitarem representar em palco, mediante um conjunto de instruções, os oradores ausentes desta conferência. A partir da assumida preocupação ecológica em reduzir as emissões de CO₂, fazendo viajar um conceito e não um elenco e equipa técnica, os Rimini Protokoll foram também pensando num formato que colocasse a própria noção de ausência no centro do espectáculo.

Foi essa pesquisa, em busca de “diferentes posições e diferentes ângulos que nos permitam olhar para o assunto a partir de experiências distintas”, conta Helgard Haug, que os levou a chegar a pessoas tão distintas quanto uma engenheira especializada em diamantes proveniente da República de Sakha (a região mais fria do mundo), um físico que sofreu um AVC grave e passou a habitar um corpo que não lhe obedece, um advogado de defesa especializado em crimes económicos mas que deu por si em processos de genocídio e crimes contra a humanidade, uma refugiada africana presa numa ilha grega ou um activista contra a reprodução humana. São alguns dos “oradores” ausentes, cujas histórias precisam das vozes do público para se fazerem escutar. Gente real que os Rimini Protokoll foram descobrindo a partir das várias possibilidades de ausência que lhes interessava colocar em palco.

“Como somos três autores e encenadores”, explica Haug, “começamos por recolher nomes, testar opções, estabelecer contactos e a peça foi sendo construída através de muitas tentativas. Contactávamos, por exemplo, um historiador, criávamos uma cena com ele, experimentávamos e percebíamos se encaixava e acrescentava algo – ou se era suficientemente interessante em contraste com outra história.” Foi a partir dessa recolha e dos encaixes que *Conferência de Ausentes* foi crescendo e ganhando forma, depois de descartada a hipótese de deitar a mão a nomes de peso. A encenadora alemã atira os exemplos de Bill Gates ou Mikhail Gorbachov – exemplos que não implicam necessariamente que estas hipóteses alguma vez tenham sido ponderadas –, mas logo perceberam que recorrer a figuras públi-

Aquilo que *Conferência de Ausentes* propõe é que assumamos, por momentos, uma voz que não é a nossa. E percebamos, ainda que muito ao longe, o que isso significa



cas descambaria fatalmente no “perigo de mimetização”. “Porque se soubermos como a outra pessoa realmente se movimenta ou fala, tornar-se-ia uma performance e não gostava que isso acontecesse.”

Em vez de personagens, que Gates ou Gorbachov acabariam por ser, ficamos apenas com pessoas reais a precisarem de corpos e vozes que as representem e partilhem as suas histórias de ausência, através de textos trabalhados e aprovados pelos vários oradores, cujas histórias circulam, assim, pelo mundo. Segundo um dispositivo que tentaram que fosse “tão leve quanto um email ou tão fluido como uma conversa por

zoom”, e encurtando distâncias entre lugares como Somália, Grécia, Israel, República de Sakha, Alemanha e o país em que acontece esta-rem a apresentar-se.

A não confirmação

Claro que, depois, ao invés de cair na sacramental e omnipresente videochamada dos nossos dias, que nos poderia pôr diante dos protagonistas originais das histórias que escutamos (mas que, para ser em directo, ficaria sempre dependente de boas ligações à internet), o colectivo alemão escolheu antes criar uma relação com os espectadores a partir da representatividade e da responsabilidade de subir ao palco e falar no lugar de outro. E esse é, não há como fugir-lhe, um dos mais delicados debates que dominam hoje a ágora global: terá alguém legitimidade para falar em nome de outro, para usar a sua voz, para se apropriar da sua história sem partilhar sequer um mesmo

Conferência de Ausentes é um compromisso entre alguém que é detentor de uma história e aceita que outro a conte por si, da mesma forma que esse espectador assume ser a voz de uma narrativa que desconhece

background cultural, social, racial, de género? “Acho que é um exercício muito bom para se fazer, mesmo quando não existe um encaixe”, acredita Helgard Haug. “Na verdade, acho que até é mais importante. Para mim, isso é algo que se pode fazer no teatro, nas artes e na cultura: tentarmos examinar outra perspectiva. Essa é a razão de ser para muitos dos espectáculos que fazemos. E é entusiasmante se discordar ou não me encaixar ou identificar.”

Porque aquilo que *Conferência de Ausentes* propõe não é uma usurpação de identidade. É, pelo contrário, um compromisso entre alguém que é detentor de uma história e aceita que outro a conte por si, da mesma forma que esse espectador assume ser a voz de uma narrativa que desconhece. Esse confronto, para o colectivo alemão, é essencial. “Não faço arte para me repetir ou para me manter na bolha ou para confirmar aquilo que as pessoas à minha volta querem ou esperam ouvir”, justifica a encenadora. “Isto é muito mais acerca de confrontarmos-nos com posições diferentes e entrarmos em papéis de alguém que está longe e pertence a um *background* cultural muito diferente. É óbvio que não sou nem tento ser essa pessoa, mas tento garantir que ela será escutada, neste contexto. Isto é altamente político e acho que devíamos tentar fazê-lo mais vezes.”

Em palco, o dispositivo é simples: uma voz *off*, pré-gravada, dá as instruções essenciais para colocar o espectáculo em marcha, enquanto um pequeno cenário de sala de estar ocupa metade da cena e a outra é destinada a um púlpito onde acontecerão as comunicações, mediante um conjunto de envelopes com os textos a serem lidos e um *headset* com instruções complementares que só os intervenientes poderão escutar. Ao fundo, um ecrã que, em determinados momentos, ajudará a ilustrar os relatos. A representatividade e a ausência vêm também à tona num pequeno segmento em que a voz *off* vai anunciando uma série de características a que um/a espectador/a terá de corresponder para subir ao palco num dado momento do espectáculo. E a descrição é pensada para fazer com que o público se entoele e identifique as ausências, para que tome consciência dos grupos que são excluídos das plateias dos teatros europeus, quer pela sua origem social quer pela falta

de identificação com as histórias e os protagonistas que ocupam aquele lugar.

“Essa é uma grande discussão que está a ter lugar nos espaços culturais”, argumenta Helgard Haug, “e os públicos são sempre uma bolha, são sempre um pequeno extracto da sociedade, enquanto mantemos ou tras pessoas de fora. Os teatros não são lugares em que toda a gente sinta que quer ou pode estar presente. E podemos estar a falar tanto de um grupo desfavorecido ou marginalizado, como também de um muito rico.” Assim, quando a voz *off* vai pedindo que se levantem todos aqueles que correspondam a “alguém muito específico”, cujo primeiro critério é tratar-se de um ser humano mas que não poderá ter um curso universitário, não deverá ter pele branca ou deverá ter-se candidatado a um cargo político, cada nova camada apenas serve para que o espectáculo não celebre apenas a presença mas também para tornar evidente aqueles que estão de facto ausentes – não pela impossibilidade física nem por uma decisão de consciência ecológica, mas devido a falhas estruturais de representatividade.

Claro que, admite a encenadora, os Rimini Protokoll não foram “completamente bem-sucedidos”, cujo primeiro critério é tratar-se de um ser humano mas que não poderá ter um curso universitário, não deverá ter pele branca ou deverá ter-se candidatado a um cargo político, cada nova camada apenas serve para que o espectáculo não celebre apenas a presença mas também para tornar evidente aqueles que estão de facto ausentes – não pela impossibilidade física nem por uma decisão de consciência ecológica, mas devido a falhas estruturais de representatividade. Claro que, admite a encenadora, os Rimini Protokoll não foram “completamente bem-sucedidos”, cujo primeiro critério é tratar-se de um ser humano mas que não poderá ter um curso universitário, não deverá ter pele branca ou deverá ter-se candidatado a um cargo político, cada nova camada apenas serve para que o espectáculo não celebre apenas a presença mas também para tornar evidente aqueles que estão de facto ausentes – não pela impossibilidade física nem por uma decisão de consciência ecológica, mas devido a falhas estruturais de representatividade. Mas a imagem não se perde: quer estejamos a contactar com o relato de alguém que se prepara para se ausentar do planeta, quer oiçamos como alguém forçado a aceitar um trabalho de espionagem acaba por ser varrido do seu país para um lugar estranho, quer sejamos confrontados com a vida invisível de uma mulher presa às portas da Europa e condenada a uma não-vida, somos lembrados, a cada segundo, do quanto só estamos habituados a reconhecer o que existe no nosso universo próximo e pouco habituados a deixarmos-nos ocupar por histórias alheias. Pouco habituados a não nos limitarmos a emprestar os nossos ouvidos e a nossa atenção por uns minutos aos outros. Porque aquilo que *Conferência de Ausentes* propõe é mesmo que assumamos, por momentos, uma voz que não é a nossa. E percebamos, ainda que muito ao longe, o que isso significa.